

FRANCISCO JOSÉ DE AZEVEDO AGUIAR BRANDÃO – UMA PERSONALIDADE SINGULAR NO MEIO POLÍTICO E INDUSTRIAL DA FEIRA NO SÉCULO XIX

Francisco Azevedo Brandão

fazevedobrandao@iol.pt

RESUMO

Francisco José de Azevedo Aguiar Brandão foi um dos primeiros fabricantes de papel em Paços de Brandão, tendo fundado a sua fábrica o lugar de Riomaior em 1825, com 29 anos de idade.

Espírito inconformado, voluntarioso e combativo, não só foi um industrial interessado na qualidade do seu produto e, consequentemente, no progresso da sua fábrica, como também um político activo a nível local e nacional, tendo sido vereador da Câmara Municipal da Vila da Feira e um interveniente liberal, corajoso e arrojado na guerra civil, entre liberais e absolutistas.

Como industrial, foi premiado com a Medalha de Cobre na Exposição Nacional da Indústria de Lisboa, em 1863, pela qualidade do papel de escrita produzido na sua fábrica de Riomaior; como político, foi agraciado com o grau de Cavaleiro da Ordem de Cristo, pela rainha D. Maria II, em 1837.

Foi, de facto, nas palavras da Dr.^a Maria José Ferreira dos Santos «uma personalidade sedutora pelos princípios que defende e pelo sentido de justiça e de solidariedade que demonstra. A actualidade das suas palavras é bem demonstrativa da forma de estar na vida deste nosso primeiro industrial».

PALAVRAS-CHAVE

industrial, político, medalha de cobre, cavaleiro.

SUMMARY

Francisco José de Azevedo Aguiar Brandão was one of the first paper manufacturers in Paços de Brandão, having founded his factory at Riomaior in 1825, at the age of 29.

With a nonconformist, wilful and brave spirit he was not only an industrialist interested in the quality of his product and consequently in the progress of his factory, but also an active politician at a local and national level. He was a Deputy-mayor of the Municipality of Vila da Feira and a liberal, brave and courageous intervenient in the civil war between liberals and absolutists.

As an industrialist, he was awarded with the Copper Medal at the National Exhibition of the Industry of Lisbon in 1863 for the quality of writing paper produced at his Riomaioir factory; As a politician, was awarded the honour of Knight of the Order of Christ, by the Queen D. Maria II, in 1837.

It was, in fact, in the words of Dr. Maria José Ferreira dos Santos referred as “a seductive personality by the principles he defends and by the sense of justice and solidarity he demonstrates. The timeliness of his words is well demonstrative of the way of living of our first industrialist ».

KEYWORDS

industrial, politics, copper Medal, knight.

Francisco José de Azevedo Aguiar Brandão foi um dos primeiros fabricantes de papel em Paços de Brandão, concelho da Feira, tendo fundado a sua primeira fábrica no lugar de Riomaioir, no ano de 1925, com 29 anos de idade.



Figura 1 – Brasão da Família Azevedo Aguiar Brandão. Casa de Riomaioir. Paços de Brandão.

Oriundo de uma antiga família da nobreza rural, que entronca nos primeiros cavaleiros portugalenses de Entre Douro e Mondego, Francisco José de Azevedo Aguiar Brandão estava destinado, segundo a tradição destas famílias, a tratar e a viver das suas quintas e propriedades, espalhadas por Paços de Brandão, Mozelos e S. Paio de Oleiros. Mas tal perspectiva de vida não se coadunava com a personalidade e o espírito de um homem voluntarioso, combativo, lutador, com os olhos virados para o futuro, nunca tendo esquecido as suas fortes raízes, ligadas à família, à terra e ao país.

Nesta conformidade, lançou-se, com coragem e denodo, para a construção de uma fábrica de papel, dando início em Paços de Brandão a uma série de fábricas do mesmo ramo, que prosperaram desde os fins do século XIX até meados do século XX.

Mas para um espírito inconformado e por isso mesmo, sempre na primeira linha de combate, não se fica como mero pequeno ou médio industrial. Preocupado com os problemas políticos da sua terra, do seu concelho e do seu país, torna-se um interveniente activo na política local e nacional do seu tempo – tempo conturbado por uma guerra civil, entre liberais e absolutistas.



Figura 2 – Francisco José de Azevedo Aguiar Brandão.

Quero aqui lembrar que foi a historiadora Dr.^a Maria José Ferreira dos Santos, quem, no seu livro «A Indústria de Papel em Paços de Brandão e Terras de Santa Maria», publicado em 1997, pela primeira vez, lhe traçou publicamente o seu perfil político e industrial, que apenas era conhecido no meio familiar.

Escreve assim, a historiadora: «Francisco José de Azevedo Aguiar Brandão, da casa de Riomaior, foi indiscutivelmente o fabricante que mais nos seduziu ao longo de todo este trabalho, não só pelo seu temperamento controverso e polémico mas, acima de tudo de uma forma apaixonada e fascinante. Os princípios liberais que norteavam Francisco José de Azevedo Aguiar Brandão levaram-no a uma participação activa na guerra civil, colocando-se, sem medos, ao lado da facção progressista. Durante o ceco do Porto afirmou-se como um liberal, concorrendo para o bom êxito da Causa da Rainha e da

liberdade da Pátria, e por íngremes e espinhosos caminhos e com perigo de sua vida e bens deu as mais exaustas notícias e movimentos do exército sitiante, escritas pelo seu próprio punho – palavras do Marquês de Saldanha...».

Na verdade, Francisco José de Azevedo Aguiar Brandão, para além de industrial de papel, que nunca abandonou em plena guerra civil, foi correspondente (uma espécie de repórter de guerra), dos jornais liberais «Periódico dos Pobres do Porto» e «Crónica Constitucional do Porto», onde relatava todos os movimentos das tropas absolutistas nas cercanias do Porto, sobretudo, nas imediações da Feira, território que ele conhecia como as suas próprias mãos.

Mas não é de estranhar o seu apego à causa liberal. Duas razões, pelo menos, justificavam esta sua intervenção activa e perigosa: a primeira, alicerçava-se nas suas próprias convicções políticas, vividas na prática em relação aos seus empregados, aos seus amigos e à população de Paços de Brandão em geral; segundo, porque seu irmão mais velho, Manuel José de Azevedo Aguiar Brandão era Major de Milícias da Feira, lutando no campo de batalha ao lado dos liberais. Em Asseiceira, em 1828, tinha ficado prisioneiro, com outros oficiais, das tropas absolutistas, pelo que foram encarcerados no castelo de Vila Viçosa, onde permaneceram durante cinco anos. Em 1833, foram transferidos deliberadamente numa madrugada para o castelo de Estremoz, guardado por tropas absolutistas, onde foram assassinados selvaticamente pelo povo daquela localidade, ante a passividade e conivência das tropas de cavalaria afectas ao regime absolutista, como relata uma reportagem publicada no Periódico dos Pobres do Porto, de 24 de Junho de 1834, com o título «Horrorosa Mortandade» e mais tarde nos livros «Portugal Contemporâneo», de Oliveira Martins e «Os Salteadores do Norte», de Eduardo Noronha.

Mas, para se aquilatar da coragem e do carácter temperamental deste industrial de papel de Paços de Brandão, não posso deixar de me referir a um curioso e insólito episódio, ocorrido por volta dos anos de 1829 ou 1830, no auge da guerra civil.

Um certo dia, estava ele na sua casa de Riomaior, quando lhe vieram dizer que vinha a caminho de sua casa, o presidente da Câmara da Feira a cavalo com um escolta de 5 lacaios armados de carabinas, todos afectos aos absolutistas, para o prender pelas suas ideias e acções a favor dos liberais. Imediatamente, Francisco José Azevedo Brandão, chamou os seus criados de lavoura e os operários da fábrica, armou-os com tudo que tinha à mão: machados, picaretas, enxadas, ancinhos, ferros da fábrica e entrincheirou-se com o seu pessoal na casa e nos pátios e esperou. Batem à grande porta de entrada com um estrondo de arrepiar. Francisco José, armado de um possante machado e protegido por 5 dos seus homens mais corpulentos, armados, cada um deles, com picaretas, enxadas e machados, abre a porta e num salto inesperado agarra as rédeas do cavalo do presidente e desafia-o para um duelo à machadada, à picareta, à enxada, já que naquela altura não tinha espada para responder à do autarca. Surpreendidos, os lacaios, num primeiro assomo, iam pôr a mão às suas

carabinas, mas, ao verem a reação dos homens da casa, com as suas «armas» levantadas, dispostas a fazer sangue, hesitaram e recuaram cobardemente, deixando o presidente sozinho, manietado pelas mãos vigorosas de Francisco José que não largava as rédeas do cavalo. Perante a reação de Azevedo Brandão e dos seus homens e a grande multidão de povo que ali se juntou, o presidente e seus lacaios abandonaram o local pelo mesmo caminho que os tinha levado ali.

Pelos relevantes serviços prestados à Causa Liberal, com perigo para a sua própria vida, a Rainha D. Maria II, agraciaria Francisco José Azevedo Aguiar Brandão com o grau de Cavaleiro da Ordem de Cristo, a 23 de Abril de 1837.

Ainda como político, foi vereador da Câmara Municipal da Vila da Feira, onde não deixou de denunciar, sempre que se justificava e com a frontalidade que lhe era peculiar, as arbitrariedades do presidente da Câmara na distribuição do orçamento, lembrando as atribuições das Câmaras Municipais, através de reclamações, de que era o primeiro subscritor, nos seguintes termos: «Os Abaixo assinados eleitos Procuradores das freguesias do concelho da Feira vêm perante este retíssimo Concelho Distrital reclamar o seu direito ofendido, e a Justiça do Povo que representam; direito que lhe foi tolhido pelo Presidente da Câmara Municipal, na Reunião em que todos juntos haviam de tomar em consideração à importância dos Rendimentos e despesas do Município e o meio de acorrer a ela». E mais adiante: «...temos mostrado que as Câmaras Municipais exorbitam as suas atribuições; que elas não podem tolher os Procuradores Eleitos do Direito de Votação, Direito, que se acha consignado no Art.º 82, n.º2; que toda a deliberação tomada sem a maioria relativa é nula; que não devem haver Partidos onde não há hospitais, ou asilos de Mendicidade e Botica paga. Não obstante o Contraprotesto do Procurador Fiscal, ele para acobertar o seu Presidente, melhor ele pugnara pelo Império da Lei; parece que os Direitos dos Povos, Seus Constituintes merecem algum sufrágio...A alta Sabedoria deste Responsável Conselho se dignará tomar na Sua imediata consideração o exposto servindo-se ordenar à Câmara a Supressão do Partido da importância de duzentos mil reis e a redução de cem mil reis para quarenta mil reis, e que tanto basta para tratar dos Expostos, Presos, visto que o povo se nega a contribuir para mais Partidos, de que não tem partilhado benefício algum; e no que este rectíssimo Conselho ganhará novos Direitos ao amor e gratidão dos Povos, se de novos Direitos carece».

Perante o desassombro destas palavras, evidenciando uma rara coragem política nada habitual o seu tempo, é ainda Maria José Ferreira dos Santos, que conclui com este pertinente e justo comentário: «E um discurso marcado pela simplicidade e frontalidade, sendo também revelador da mentalidade capitalista deste industrial. Num contexto autárquico provinciano, não é um qualquer vereador que tem a coragem de desmontar os compadrios partidários ou de apontar a necessidade prioritária de uma política social; ... é um homem do papel que assim fala em meados do século XIX. É de facto uma personalidade sedutora pelos princípios que defende e pelo sentido de justiça e de solidariedade que demonstra. A actualidade das suas palavras é bem demonstrativa da forma de estar na vida deste nosso primeiro industrial».



Figura 3 – “Fábrica de Papel dos Azevedos”. Actual Museu do Papel.

Mas, se as questões políticas locais e nacionais nunca lhe passaram ao lado, antes foi um interveniente activo, Francisco José continuava com o seu mister de industrial interessado no progresso de uma indústria que dava os seus primeiros passos na região da Feira. Assim, logo em 1826, enviou um requerimento ao rei D. Pedro IV, para que lhe concedesse a isenção do pagamento de Portagem dos seus produtos, na cidade do Porto, à semelhança de outras fábricas de papel do país, requerimento que lhe foi deferido a 5 de Junho de 1827, nos seguintes termos: «...Faço saber que Francisco José de Azevedo Brandão de Paços de Brandão termo da Vila da Feira, Me apresentou n ter estabelecido em Rio Maior uma fábrica com todas as Máquinas, e utensílios para fazer papel de Escrever, e portanto Me suplicava a Graça de a autorizar com os competentes Privilégios: ao que tendo respeito, e constando-me pela informação do Corregedor da respectiva Comarca, auto de vistoria e mais diligências a que o mesmo procedeu, que o Suplicante por sua capacidade bom arranjo em que se acha a mesma Fábrica, se faz digno da Graça a que implora; Hei por bem autorizar a dita Fábrica de Papel de Escrever de que o Suplicante é Senhor; e lhe concedo todas as Graças, isenções, e privilégios que Legitimamente lhe competirem e gozar tais estabelecimentos...».

Por volta de 1840, constrói uma segunda fábrica, contígua à primeira, conhecida por Fábrica de Baixo, por oposição à antiga – a de Cima. A segunda fábrica seria totalmente destruída por uma cheia do rio Maior, provocada por uma forte tromba de água, ocorrida a 24 de Outubro de 1954.

Em 1863, na Exposição Nacional da Indústria, realizada em Lisboa, recebe a Medalha de Cobre, pela qualidade do papel de escrita produzido nas suas fábricas de Riomaio, da freguesia de Paços de Brandão.

Depois da sua morte, assumiria a direcção das fábricas, seu filho mais velho, Francisco Azevedo Brandão que, ao morrer solteiro alguns anos depois, passaria para o irmão mais novo, José de Azevedo Aguiar Brandão.

Mas, para além de político e industrial, quem era este homem singular?

Francisco José de Azevedo Aguiar Brandão nasceu na Casa da Torre ou da Capela (hoje, onde se ergue o edifício da Junta e Freguesia de Paços de Brandão), a 10 de Abril de 1796. Era filho de Manuel José de Sá Pereira Azevedo Aguiar Brandão e de Maria Pais dos Santos; irmão do Major de Milícias da Feira, Manuel José e de João José de Azevedo Brandão, médico, deputado da nação e também industrial de papel na sua fábrica do Engenho Novo, em Paços de Brandão. Casou na paróquia de Paços de Brandão a 9 de Novembro de 1837 com Maria José de Portugal e Vasconcelos, filha de António Bernardino Vasconcelos, Tenente-coronel comandante do regimento de Milícias da Vila da Feira, vereador do senado da Câmara da Feira, e de Maria Isabel Calhordas Portugal. Deste casamento, houve uma filha que morreu criança. Oito anos depois Francisco José divorciava-se de sua mulher após um longo processo litigioso. Por volta de 1845, teve, de Teresa Pereira de Jesus, solteira, com quem vivia maritalmente, três filhos: Maria José, Francisco José e José Azevedo Aguiar Brandão, todos nascidos na casa de Riomaior.

Francisco José de Azevedo Aguiar Brandão ficou sempre como uma figura tutelar da família Azevedo Aguiar Brandão, de Riomaior, como exemplo de um HOMEM íntegro, corajoso, amante da sua família, da sua terra e do seu país, admirado e amado pelos seus filhos e netos já falecidos e recordado hoje pelos seus bisnetos, trinets e tetranets.